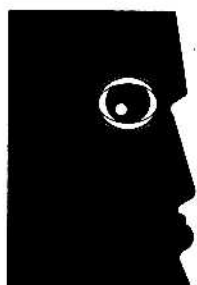


700 é o número de pessoas mobilizadas pelo Datafolha para realizar esta pesquisa sobre preconceito de cor



5.081 é o número de entrevistados em todo o país nesta pesquisa do Datafolha

Datafolha revela o brasileiro

Pesquisa inédita faz mapeamento científico do preconceito de cor no Brasil

Da Reportagem Local

No início dos anos 60, o sociólogo Florestan Fernandes cunhou uma frase: "O brasileiro não evita, mas tem vergonha de ter preconceito".

O Datafolha furou essa vergonha. Fez a maior pesquisa da história do Brasil sobre preconceito de cor. No levantamento, 87% dos pesquisados não-negros manifestam algum preconceito contra negros ao responder o questionário. Mas só 10% enxergam preconceito naquilo que fazem.

O Datafolha também descobriu que o brasileiro não gosta de ser chamado de "pardo". Prefere ser moreno, uma designação que o IBGE não reconhece.

Os pobres — e não os ricos — são os que mais manifestam preconceito contra negros. Mais da metade dos negros aceita o enunciado "negro bom é negro de alma branca". E os negros dizem estar satisfeitos consigo mesmos: 77% dos entrevistados não querem mudar a aparência.

O Datafolha relatou sua pesquisa em 167 páginas. Hoje, a Folha apresenta os resultados neste caderno especial. (FR)

Entenda como é a metodologia

MAURO FRANCISCO PAULINO
Gerente de Pesquisas de Opinião do Datafolha

O Datafolha mobilizou cerca de 700 pessoas para realizar a mais ampla pesquisa sobre preconceito racial no Brasil.

A pesquisa foi realizada em todas as unidades da Federação, ouvindo 5.081 pessoas maiores de 16 anos em entrevistas pessoais, em 121 cidades, de 4 a 6 de abril.

Esse número de entrevistas permite um detalhamento pormenorizado nos cruzamentos. É possível analisar opiniões, por exemplo, de cada grupo étnico segundo a faixa etária ou região de moradia.

Há dois conceitos presentes em todo levantamento feito por amostragem: são a margem de erro e o intervalo de confiança.

A margem de erro define variação dos resultados da pesquisa. Neste estudo, a margem de erro é de dois pontos percentuais. Assim, quando se diz que 89% dos brasileiros afirmam que os brancos têm preconceito de cor em relação aos negros, numa leitura rigorosa o correto seria afirmar que de 87% a 91% têm essa opinião.

O intervalo de confiança serve para saber o número de vezes que a pesquisa poderia ser realizada sem que o resultado ficasse fora da margem de erro. Neste estudo, o intervalo de confiança é de 95%.

Um intervalo de confiança de 95% significa que se fossem feitos 100 levantamentos simultâneos com a mesma metodologia, em 95 os resultados ficariam na margem de erro de dois pontos percentuais.

Todas as projeções foram baseadas no número de brasileiros acima de 16 anos (97.659.740 habitantes) divulgado pelo IBGE a partir do Censo de 1991, aplicadas as taxas de crescimento para 1994.

Também foi baseado em conceitos do IBGE o critério de classificação por etnia. Essa classificação foi feita de três formas distintas:

1) Antes de cada entrevista os pesquisadores anotavam a cor observada dos entrevistados segundo os critérios do IBGE (branca, preta, parda, amarela e indígena);

2) Os entrevistados classificavam-se espontaneamente de acordo com a nomenclatura que habitualmente utilizam;

3) Os entrevistados eram solicitados a se auto classificar de acordo com os critérios do IBGE.

Esta pesquisa foi realizada a partir de um processo de amostragem estratificada por sexo e idade, com sorteio aleatório dos entrevistados. O conjunto da população adulta do país é tomado como universo da pesquisa e dividido inicialmente em quatro subuniversos que representam as regiões.

Em cada subuniverso os municípios são agrupados de acordo com a localização geográfica e o nível socioeconômico.

Dentro de cada grupo são sorteados municípios estratificados pelo porte correspondente. Num processo de sorteios sucessivos chega-se ao bairro e ao indivíduo.

A direção do Datafolha é exercida pelos sociólogos Antonio Manuel Teixeira Mendes e Gustavo Venturi, tendo como assistentes Mauro Francisco Paulino e as esteticistas Renata Nunes Cesar e Karla Mendes. A direção comercial é de Enéida Nogueira e Silva.

ÍNDICE

Conheça algumas histórias do caderno "Racismo Cordial"

 Lucio Piron Pág. 3	 Bel Pedrosa Pág. 13
 Patricia Santos Pág. 5	 Bel Pedrosa Pág. 14
 Evelson de Freitas Pág. 7	 Patricia Santos Pág. 15
 Paulo Giardala Pág. 9	 Fabiano Ramos Pág. 16
 Paulo Giardala Pág. 10	 Luzia Ferreira Pág. 6
 Bel Pedrosa Pág. 12	 Seila Alves Pág. 8

ENTREVISTAS

 Paul Singer, economista, analisa a pesquisa Datafolha Pág. 2	 Marilene Felinto, da equipe de articulistas, defende o mestiço Pág. 6	 Décio de Freitas, historiador, escreve sobre a cultura racista Pág. 11
--	--	--

ARTIGOS

RESPONDA VOCÊ TAMBÉM AS 12 PERGUNTAS DO DATAFOLHA

Depois de responder, confira a pontuação na página 4

1 "Negro bom é negro de alma branca?" A) Concorda totalmente B) Concorda em parte C) Discorda em parte D) Discorda totalmente	7 "Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor da pele?" A) Concorda totalmente B) Concorda em parte C) Discorda em parte D) Discorda totalmente
2 "As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esportes?" A) Concorda totalmente B) Concorda em parte C) Discorda em parte D) Discorda totalmente	8 Quem são mais inteligentes, os brancos ou os negros? A) Não existem diferenças B) Os brancos C) Os negros
3 "Se Deus fez raças diferentes, é para que elas não se misturem?" A) Concorda totalmente B) Concorda em parte C) Discorda em parte D) Discorda totalmente	9 Você já votou ou votaria em algum político negro? A) Já votou B) Não votou, mas votaria C) Não votou e não votaria
4 "Negro, quando não faz besteira na entrada, faz na saída?" A) Concorda totalmente B) Concorda em parte C) Discorda em parte D) Discorda totalmente	10 O que faria se tivesse um chefe negro? A) Não se importaria B) Ficaria contrariado, mas procuraria aceitar C) Não aceitaria e mudaria de trabalho
5 "Se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão?" A) Concorda totalmente B) Concorda em parte C) Discorda em parte D) Discorda totalmente	11 O que você faria se várias famílias negras viessem morar na vizinhança? A) Não se importaria B) Ficaria contrariado, mas procuraria aceitar C) Não aceitaria e mudaria de casa
6 "Uma coisa boa do povo brasileiro é a mistura de raças?" A) Concorda totalmente B) Concorda em parte C) Discorda em parte D) Discorda totalmente	12 O que você faria se um filho ou uma filha casasse com uma pessoa negra? A) Não se importaria B) Ficaria contrariado, mas procuraria aceitar C) Não aceitaria o casamento

ARTIGO

A razão das diferenças

PAUL SINGER

Uma das diferenças mais evidentes, no Brasil, entre brancos e pretos é a condição econômica: a dos primeiros é nitidamente superior à dos últimos. A pesquisa do Datafolha ofereceu à escolha dos entrevistados duas explicações para este fato: 1) "o preconceito e a discriminação dos brancos contra os negros" ou 2) "os negros não aproveitam as oportunidades que têm para melhorar de vida".

58% votaram a favor da primeira razão e apenas 26% a favor da segunda; 8% acharam que as duas razões são verdadeiras. Há, portanto, uma maioria folgada, de mais de duas vezes, que atribui a pobreza da população negra à discriminação em relação aos que acham que o principal culpado pela situação de penúria do negro é ele mesmo. O que é reconfortador, convenhamos.

É interessante notar que entre os que se consideram brancos a relação entre maioria e minoria é igual — 58% x 26% — à da totalidade. Entre os que se consideram pardos, o desnível entre maioria e minoria — 61% x 24% — é um pouco maior.

O espantoso é que entre os que se identificam como pretos o desnível é bem menor — 53% x 31%. Entre os próprios inferiorizados, a proporção que acusa o preconceito é menor e a proporção que culpa a si mesmos maior do que nos outros dois grupos étnicos distinguidos na pesquisa.

Dentro de cada um dos três grupos étnicos, há outras características pessoais que marcam posicionamentos distintos. A mais importante neste sentido é a escolaridade. A relação entre os que concordam com a 1ª razão e com a 2ª, é de 52% x 30% entre os brancos com até o 1º grau, de 68% x 20% entre os brancos com 2º grau e de 59% x 17% entre os brancos com grau superior. Fica claro que quanto maior a escolaridade tanto maior é a consciência de que a população negra é vítima de discriminação. Esta influência da escolaridade é ainda maior entre os pardos: para os que têm até o 1º grau, a relação entre os que escolheram a 1ª razão e a 2ª razão é de 54% x 28%; para os que têm 2º grau, a relação é de 72% x 18% e para os que têm grau superior a relação é de 74% x 15%.

Já entre os negros a influência da escolaridade é menor: entre os que têm 1º grau, a relação é 50% x 34%, entre os que têm 2º grau ela é de 61% x 23% e entre os que têm grau superior ela é de 55% x 19%.

Em cada um dos grupos étnicos, os que têm apenas o 1º grau ou menos apresentam proporção relativamente alta que acha que a culpa é dos próprios negros. Esta proporção cai nos que completaram o 2º grau, tanto entre os brancos como entre pardos e negros.

Mas a influência neste mesmo sentido do grau superior só é inequívoca entre os pardos. Tanto entre os brancos como entre os pretos com grau superior cresce a proporção que aceita as duas razões, isto é, acham que os negros são vítimas e culpados ao mesmo tempo. São 12% dos brancos e 22% dos pretos.

As atitudes assumidas pelos que se identificam como pretos são algo enigmáticas, sobretudo dos que completaram curso superior. Praticamente 41% deles aceitam a idéia que muitos de seus irmãos de raça são mais pobres porque não aproveitam as oportunidades que têm.

É possível que parte dos negros mais intelectualizados deseje assumir uma postura de isenção para não parecer guiada pelo auto-interesse. Ou então nutra opiniões muito mais críticas em relação à sua própria etnia do que brancos e sobretudo pardos com a mesma escolaridade.

Convém notar que não é apenas a população negra mas também a população parda que sofre de condições de vida piores que a população branca. Mas, como a pergunta feita só faz referência aos negros, isso pode ter deixado os pardos mais à vontade para atribuir unicamente ao preconceito a causa da diferença.

A atitude dos negros talvez possa ser melhor interpretada, se a compararmos com as respostas oferecidas a uma outra pergunta, a respeito de uma pessoa negra jovem, que se disponha a trabalhar duro para melhorar de vida.

Os respondentes escolheram uma de duas alternativas: 1ª a pessoa negra conseguirá seu intento; ou 2ª ela não tem chance de êxito, por mais que se esforce. É interessante observar que os brancos e pardos que admitem ter preconceitos contra negros optaram mais pela 2ª alternativa do que os brancos e pardos que não têm preconceitos. O que sugere que a 1ª alternativa, longe de negar o peso do preconceito contra o negro em nossa sociedade, demonstra confiança em sua capacidade de superá-lo.

A relação entre os que optaram pela 1ª alternativa e pela 2ª alternativa no conjunto da mostra foi de 78% x 17%. Entre os negros foi de 75% x 19%, mas entre os negros com grau superior foi de 82% x 6%!

Parece claro que, com exceção de uma pequena minoria, os pretos com grau superior confiam em seus irmãos. O que reforça a hipótese de que suas respostas a respeito da causa da maior pobreza dos negros no Brasil não denotam tanto auto-preconceito como a ansiedade de não parecerem parciais em causa própria.

Deveria valer a pena utilizar outros instrumentos de pesquisa, como discussões em grupo, para atingir melhor entendimento da questão.

PAUL SINGER, 61, economista, é professor titular da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo e pesquisador do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).